

A CONSTRUÇÃO DA ESCOLHA PROFISSIONAL NA DECISÃO PELA ARQUITETURA

THE CONSTRUCTION OF PROFESSIONAL CHOICE IN THE DECISION TO STUDY ARCHITECTURE

LA CONSTRUCCIÓN DE LA ELECCIÓN PROFESIONAL EN LA DECISIÓN DE ESTUDIAR ARQUITECTURA



10.56238/edimpacto2025.090-080

Marcelo Lyra de Souza Brasil

Doutor

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: marcelobrasilarquitetura@gmail.com

Freddy Studart

Doutor

Instituição: Universidade Estácio de Sá (UNESA)

E-mail: freddystudart@gmail.com

RESUMO

Uma lembrança comum à infância de muitos é a clássica pergunta: "O que você vai ser quando crescer?" Por trás dela, esconde-se não apenas a curiosidade dos adultos, mas também o início de um processo subjetivo de identificação e projeção de futuro. Este artigo propõe uma reflexão sobre esse processo de escolha vocacional, especialmente no momento do ensino médio, à luz das teorias das inteligências múltiplas, de Howard Gardner, e da inteligência emocional, de Daniel Goleman. A partir de uma abordagem teórica e interpretativa, discute-se como certas competências cognitivas e emocionais se manifestam nas inclinações dos estudantes, com ênfase na decisão pela área da arquitetura. O texto defende que, mais do que uma escolha racional, a definição profissional emerge de uma combinação singular de habilidades e sensibilidades, que orientam o aluno, mesmo de forma inconsciente, em direção àquilo que lhe parece mais familiar e significativo.

Palavras-chave: Escolha Profissional. Inteligências Múltiplas. Vocação. Arquitetura.

ABSTRACT

A common memory from childhood is the classic question: "What do you want to be when you grow up?" Behind this seemingly simple inquiry lies not only adult curiosity but also the beginning of a subjective process of identity formation and future projection. This article reflects on the vocational decision-making process, particularly during high school, through the lens of Howard Gardner's theory of multiple intelligences and Daniel Goleman's concept of emotional intelligence. Using a theoretical and interpretive approach, the text explores how specific cognitive and emotional competencies shape students' inclinations, with an emphasis on the choice of architecture as a career. The argument presented is that professional choices are not merely rational decisions but arise from a unique



combination of abilities and sensitivities that intuitively guide the student toward what feels most familiar and meaningful.

Keywords: Career Choice. Multiple Intelligences. Vocation. Architecture.

RESUMEN

Un recuerdo común de la infancia es la clásica pregunta: "¿Qué quieres ser cuando seas grande?" Detrás de esta pregunta aparentemente inocente se esconde no solo la curiosidad de los adultos, sino también el inicio de un proceso subjetivo de identificación y proyección hacia el futuro. Este artículo propone una reflexión sobre el proceso de elección vocacional, especialmente en la etapa de la educación secundaria, a partir de la teoría de las inteligencias múltiples de Howard Gardner y la inteligencia emocional según Daniel Goleman. Con un enfoque teórico e interpretativo, se analiza cómo ciertas competencias cognitivas y emocionales se manifiestan en las inclinaciones de los estudiantes, haciendo énfasis en la elección de la arquitectura como campo profesional. El texto sostiene que la decisión vocacional no es únicamente racional, sino que surge de una combinación singular de habilidades y sensibilidades que orientan al alumno, incluso de forma inconsciente, hacia aquello que le resulta más familiar y significativo.

Palabras clave: Elección Profesional. Inteligencias Múltiples. Vocación. Arquitectura.



1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar no ensino médio, o aluno está automaticamente diante de um momento decisivo em sua vida. Ele talvez não saiba disso de imediato, mas o tempo encarrega-se de mostrar. Alguns já chegam a essa etapa com uma escolha aparentemente bem definida. Por exemplo, há aqueles que optam por uma escola técnica voltada ao curso de edificações. Esses alunos, em sua maioria, carregam consigo a ideia de que nasceram para ser engenheiros ou arquitetos. Mas de onde vem essa certeza? Será que pesquisaram as profissões? Realizaram testes vocacionais? Ou apenas seguiram aquilo que suas mentes indicavam como natural? Todas essas hipóteses podem ser verdadeiras — e, muitas vezes, coexistem.

Ao elaborarmos essas questões, é importante considerar outras possibilidades. Por que esse aluno não escolheu um curso técnico voltado à área da saúde, como enfermagem? Por que não se voltou à escola de música ou às artes visuais? A resposta pode estar ligada ao que, intuitivamente, já se apresentava como campo de interesse. Cada um tende a se aproximar daquilo que desperta prazer, curiosidade ou segurança. São atividades em que o aluno transita com desenvoltura, em que as respostas parecem surgir com mais rapidez, em que o raciocínio encontra fluidez. Trata-se de uma inclinação quase natural, uma espécie de afinidade entre a mente e a tarefa.

Vamos pensar numa situação hipotética: alguém se dirigiria à secretaria de uma escola de música pedindo para se matricular no curso de violino, mesmo sem nunca ter estudado música, ou sequer ter tido contato com um instrumento como o violão? Muito provavelmente, não. Porque esse não é o território em que sua inteligência se sente confortável. A busca por certas áreas de conhecimento ou atuação não surge por acaso. Desde cedo, vamos, mesmo sem saber, nos aproximando daquilo que nos atrai e nos reconhece. É essa aproximação espontânea que o psiquiatra Howard Gardner (1995) tenta compreender ao propor uma nova forma de pensar a inteligência. Para ele, não existe apenas uma inteligência, mas um conjunto de habilidades, de competências distintas que coexistem e se interpenetram.

Essa teoria, conhecida como inteligências múltiplas, ajuda a explicar por que alguns alunos demonstram facilidade com os números e as fórmulas, enquanto outros se destacam nas linguagens, nas artes visuais ou na interação social. A escolha de um curso ou profissão, portanto, pode estar menos relacionada a uma decisão consciente e mais ligada a uma espécie de afinidade interna — uma familiaridade com certo tipo de raciocínio, sensibilidade ou maneira de perceber o mundo.

É justamente isso que torna o momento do ensino médio tão complexo e decisivo: o jovem, muitas vezes sem perceber, começa a se reconhecer a partir daquilo que escolhe. Neste trabalho, tomaremos como foco específico a escolha pela área da **arquitetura**, buscando compreender de que maneira certas inteligências, como a **espacial**, a **pictográfica**, a **lógico-matemática** e a **interpessoal**, se manifestam com maior frequência nesse campo profissional.



A partir das teorias de Howard Gardner e Daniel Goleman, analisaremos como essas competências cognitivas e emocionais ajudam a formar o perfil mais comum do estudante que se identifica com a arquitetura, sugerindo que, por trás dessa escolha, pode haver uma combinação específica de inteligências que guia o aluno, mesmo antes que ele tenha plena consciência disso.

Metodologicamente, neste trabalho, adotamos uma abordagem teórica e interpretativa, com base em revisão bibliográfica, a fim de compreender como determinadas inteligências, especialmente a espacial, a pictográfica, a lógico-matemática e a interpessoal, se manifestam na escolha profissional pela área da arquitetura.

A pesquisa tem como ponto de partida as teorias das inteligências múltiplas, de Howard Gardner, e da inteligência emocional, de Daniel Goleman, buscando relacionar essas competências às inclinações cognitivas e afetivas observadas em alunos do ensino médio no momento de decisão vocacional. Ao longo da análise, exploramos como essas inteligências contribuem para formar o perfil mais recorrente entre os estudantes que demonstram interesse e afinidade com o campo arquitetônico.

A partir dessa investigação, concluímos que a escolha pela arquitetura não se dá apenas por influência externa ou aptidão isolada, mas emerge da combinação de disposições cognitivas, emocionais e sensíveis que moldam, desde cedo, a forma como o sujeito se reconhece e se projeta no mundo. Com isso, buscamos oferecer uma leitura mais ampla e integrada do processo de escolha profissional, valorizando a singularidade dos percursos formativos e apontando para a importância de uma educação que reconheça e desenvolva diferentes formas de inteligência.

2 AS INTELIGÊNCIAS CONFORME GARDNER

A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner propõe uma abordagem mais ampla e diversificada sobre a inteligência humana, indo além da visão tradicional que a define de forma unitária através de testes de QI (Quociente de Inteligência). Para Gardner, essa visão restrita não contempla toda a complexidade da mente humana, pois tende a privilegiar apenas alguns tipos específicos de raciocínio lógico ou verbal. Ele argumenta que existem diferentes formas de inteligência, relativamente independentes entre si, refletindo modos distintos de compreender o mundo, resolver problemas e expressar habilidades. Cada pessoa, portanto, não possui uma única forma de ser inteligente, mas uma combinação única de capacidades.

Segundo Gardner, em sua formulação inicial, apresentada no livro *Frames of Mind* (2011), foram identificadas sete inteligências: Linguística, Lógico-Matemática, Espacial, Musical, Corporal-Cinestésica, Intrapessoal e Interpessoal. Posteriormente, ele reconheceu e acrescentou outras, como a Naturalista e a Existencialista, ampliando ainda mais o campo de compreensão do que significa ser inteligente. Essa proposta rompe com a ideia de hierarquia entre as competências, ou seja, nenhuma



inteligência é superior à outra. Ao contrário, todas são importantes e podem ser desenvolvidas a partir das experiências, das oportunidades e das relações que cada indivíduo estabelece com o meio.

Cada uma dessas inteligências representa uma forma de atuação da mente, uma maneira própria de perceber, organizar e interagir com a realidade. Os indivíduos, portanto, podem apresentar combinações diversas dessas inteligências, em graus variados de desenvolvimento. Enquanto alguns demonstram facilidade para resolver problemas matemáticos, outros se destacam na expressão corporal ou no trato interpessoal. Essa pluralidade tem implicações diretas para a educação, pois desafia a lógica de um ensino homogêneo, padronizado e baseado em testes objetivos. Ao contrário, exige práticas pedagógicas que reconheçam a diversidade dos alunos e que estimulem diferentes formas de aprender, ensinar e avaliar.

Howard Gardner aprofunda essa discussão em sua obra *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas* (1994), onde descreve, com mais detalhe, as características de cada inteligência:

- **Inteligência espacial:** é a habilidade de perceber o mundo visual e espacial de forma acurada. Trata-se da capacidade de montar imagens mentais, manipular formas, imaginar transformações e criar composições equilibradas no espaço. Essa inteligência está presente nos artistas plásticos, engenheiros, arquitetos, desenhistas, navegadores, e até em certos cirurgiões. Em crianças, pode ser percebida na facilidade com que montam quebra-cabeças ou constroem objetos com blocos.
- **Inteligência linguística:** é a capacidade de usar a linguagem de maneira eficiente, seja oralmente, seja por escrito. Pessoas com essa inteligência costumam ter facilidade para se expressar, argumentar, narrar histórias ou manipular palavras de modo criativo. São perfis comuns em escritores, jornalistas, advogados, poetas e apresentadores. Desde cedo, demonstram interesse por leitura, jogos de palavras e narrativas.
- **Inteligência lógico-matemática:** é a habilidade de lidar com números, padrões, relações abstratas e operações lógicas. Essa inteligência envolve o raciocínio dedutivo, a resolução de problemas e a manipulação de conceitos quantitativos. Costuma estar bastante desenvolvida em cientistas, matemáticos, programadores, engenheiros e analistas de dados. Muitas vezes, é a inteligência mais valorizada nos sistemas escolares tradicionais.
- **Inteligência corporal-cinestésica:** é a capacidade de utilizar o próprio corpo para expressar ideias, emoções ou resolver problemas. Dançarinos, atletas, atores, mecânicos e cirurgiões são exemplos de profissionais que dependem diretamente dessa inteligência. Envolve controle motor, coordenação e sensibilidade tática. Crianças com essa habilidade geralmente gostam de atividades físicas e aprendem melhor por meio do movimento.



- **Inteligência musical:** refere-se à sensibilidade para os sons, ritmos, tons e padrões musicais. Pessoas com essa inteligência têm facilidade para reconhecer melodias, tocar instrumentos, compor músicas ou perceber variações sonoras. Essa capacidade está presente em músicos, regentes, cantores e até em técnicos de som. Desde pequenas, essas pessoas costumam demonstrar atração por sons e ritmos, e se conectam facilmente com experiências musicais.
- **Inteligência interpessoal:** é a habilidade de entender os outros, interpretar suas emoções, motivações e desejos. Indivíduos com essa inteligência têm facilidade em se relacionar, cooperar, liderar grupos e resolver conflitos. Professores, terapeutas, líderes comunitários, políticos e vendedores são exemplos de profissionais que costumam fazer uso dessa capacidade. Na infância, essa inteligência se manifesta na habilidade de fazer amizades, perceber o humor dos colegas e atuar como mediador em situações sociais.
- **Inteligência intrapessoal:** diz respeito à capacidade de compreender a si mesmo, reconhecer sentimentos, motivações, valores e objetivos pessoais. É a inteligência ligada ao autoconhecimento, à reflexão e à gestão emocional. Pessoas com essa inteligência tendem a ser introspectivas, reflexivas e com forte senso de identidade. Essa habilidade é essencial para planejar a própria vida, tomar decisões conscientes e lidar com frustrações.

Posteriormente, Gardner passou a considerar também outras inteligências, como:

- **Inteligência naturalista:** relacionada à habilidade de identificar, classificar e compreender elementos da natureza, como plantas, animais, fenômenos geológicos e ambientais. Presente em biólogos, ecologistas, agricultores, meteorologistas, essa inteligência permite perceber padrões naturais e interagir com o ambiente de forma sensível e analítica.
- **Inteligência existencial (em discussão):** diz respeito à capacidade de refletir sobre questões profundas da existência, como o sentido da vida, a morte, a espiritualidade e o papel do ser humano no universo. Embora ainda debatida por Gardner, essa inteligência é percebida em filósofos, teólogos, escritores e pensadores que se dedicam à investigação de temas fundamentais da condição humana.

Vale destacar que essas inteligências não atuam isoladamente. Na prática, elas se combinam e se sobrepõem conforme as situações enfrentadas. Um arquiteto, por exemplo, pode mobilizar ao mesmo tempo sua inteligência espacial, lógico-matemática e pictográfica, além de recorrer à interpessoal quando trabalha em equipe. Por isso, Gardner insiste que todos nascem com o potencial para desenvolver diversas inteligências, e que esse desenvolvimento depende fortemente das experiências vividas, das oportunidades recebidas e da valorização que cada ambiente social e educacional oferece.

A partir dessa perspectiva, a inteligência deixa de ser um dom fixo e passa a ser vista como algo dinâmico, que pode ser cultivado, expandido e transformado. Essa concepção abre caminho para



uma educação mais inclusiva e personalizada, que respeite as diferentes formas de aprender e de se expressar. E, mais ainda, nos ajuda a compreender melhor por que certos alunos se identificam com algumas áreas do conhecimento e não com outras, não por incapacidade, mas por afinidades que refletem a organização singular de suas competências cognitivas.

3 A TEORIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Desenvolvida por Daniel Goleman (1996), veio complementar e ampliar o entendimento que se tinha até então sobre as capacidades humanas. Ao longo do tempo, muito se falou sobre o QI (o Quociente de Inteligência) como o fator determinante do sucesso de uma pessoa, tanto no ambiente escolar quanto no mercado de trabalho. No entanto, Goleman propõe um novo olhar: o de que saber lidar com as próprias emoções, entender os sentimentos dos outros e agir com equilíbrio nas situações do cotidiano é tão importante quanto saber resolver equações ou interpretar textos complexos.

Goleman afirma que a inteligência emocional é composta por cinco grandes componentes que se inter-relacionam e formam a base para o amadurecimento afetivo, a estabilidade pessoal e a capacidade de convívio em sociedade. São eles:

- **Autoconhecimento emocional:** é a capacidade de reconhecer e compreender as próprias emoções, saber nomeá-las e perceber seus efeitos sobre pensamentos e comportamentos. É o ponto de partida para o domínio emocional. Sem autoconhecimento, o indivíduo reage impulsivamente, muitas vezes sem saber a razão.
- **Autorregulação emocional:** refere-se à habilidade de lidar com as emoções de forma equilibrada. Não se trata de reprimir sentimentos, mas de administrá-los de forma consciente, controlando impulsos, adiando recompensas, adaptando-se às mudanças e mantendo uma postura estável diante dos desafios.
- **Motivação:** é a capacidade de usar as emoções a favor dos objetivos pessoais. Indivíduos emocionalmente inteligentes conseguem manter o foco, enfrentar frustrações e persistir, mesmo diante de dificuldades, porque sabem canalizar seus sentimentos para propósitos construtivos.
- **Empatia:** é a habilidade de se colocar no lugar do outro, compreender suas emoções, perceber seus sinais não verbais e reagir de forma respeitosa e acolhedora. A empatia é a base dos relacionamentos saudáveis e da convivência harmoniosa em grupo.
- **Habilidades sociais:** envolvem a capacidade de interagir com os outros de forma eficiente. Isso inclui saber se comunicar bem, resolver conflitos, liderar, cooperar, negociar e inspirar confiança. Pessoas com boas habilidades sociais constroem relações duradouras e são vistas como parceiras valiosas em qualquer ambiente.



Essas competências emocionais, segundo Goleman, são determinantes para o sucesso em diversas áreas da vida — desde a trajetória escolar até a atuação no mundo do trabalho, passando pelas relações familiares e sociais. Ele destaca que pessoas com alto QI, mas com pouca inteligência emocional, muitas vezes enfrentam dificuldades para lidar com pressões, frustrações, críticas ou relações interpessoais. Por outro lado, indivíduos com inteligência emocional desenvolvida tendem a apresentar maior adaptabilidade, resiliência e capacidade de liderança.

No campo educacional, a contribuição de Goleman é especialmente importante. Ele defende que a escola não deve se limitar à transmissão de conteúdos acadêmicos, mas também precisa contribuir para o desenvolvimento emocional dos alunos. Saber lidar com as próprias emoções e entender as emoções dos outros é parte do processo de formação integral. Por isso, o autor defende que a inteligência emocional seja integrada aos currículos escolares e aos processos de formação docente, promovendo práticas pedagógicas mais humanas, sensíveis e eficazes.

Além disso, Goleman reconhece a existência da inteligência naturalista, aquela ligada à percepção e compreensão dos elementos da natureza, e propõe uma nona forma de inteligência, que denomina inteligência pictográfica. Esta se refere à habilidade que uma pessoa tem de expressar uma ideia, uma emoção ou um conceito por meio de desenhos. Não se trata apenas de copiar o que se vê, mas de traduzir pensamentos em imagens, comunicar visualmente aquilo que muitas vezes é difícil expressar em palavras. Essa habilidade está diretamente relacionada ao campo das artes visuais, do design, da arquitetura e da comunicação visual em geral.

Dessa forma, quando falamos da escolha profissional feita por um aluno, é preciso considerar esse conjunto de competências. A decisão por seguir determinada carreira muitas vezes está diretamente ligada às inteligências que ele desenvolveu com mais intensidade ao longo da vida. No caso da arquitetura — foco deste trabalho — podemos afirmar que, em um primeiro nível, a escolha está fortemente relacionada às inteligências espacial e pictográfica, já que o arquiteto precisa visualizar espaços, projetar estruturas e representar ideias por meio de formas. Mas também é importante considerar outras inteligências associadas, como a lógico-matemática, fundamental para os cálculos e raciocínios estruturais, e a interpessoal, necessária para dialogar com clientes, equipes técnicas e outros profissionais envolvidos no processo.

A formação de um arquiteto, portanto, não depende apenas de aptidões técnicas. Ela exige um conjunto articulado de habilidades cognitivas, sensoriais e emocionais. Ter a inteligência espacial desenvolvida é uma condição quase indispensável, pois é ela que permitirá ao futuro arquiteto imaginar estruturas, prever proporções, harmonizar formas e orientar-se no espaço tridimensional. Sem essa capacidade, a construção de sua identidade profissional será dificultada, limitada ou mesmo inviabilizada. A partir dessa leitura, compreendemos que o sucesso em uma profissão não se resume ao domínio de conteúdos escolares. Ele envolve, antes de tudo, o reconhecimento e o cultivo das



diferentes formas de inteligência que cada pessoa carrega consigo, inclusive aquelas que não aparecem nas provas tradicionais, mas que se revelam na sensibilidade, na criatividade, no equilíbrio emocional e na capacidade de se relacionar com o outro e com o mundo.

4 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscamos refletir sobre os fatores que influenciam a escolha vocacional dos alunos do ensino médio, com ênfase na área da arquitetura. A partir das teorias das inteligências múltiplas, de Howard Gardner, e da inteligência emocional, de Daniel Goleman, compreendemos que a decisão de seguir determinada carreira não é fruto apenas de orientação externa ou acaso, mas sim de um processo mais profundo de identificação entre as características cognitivas, emocionais e sensíveis do sujeito e o campo de atuação profissional.

No caso da arquitetura, ficou evidente que certas inteligências assumem papel central. A inteligência espacial, por exemplo, é praticamente uma condição indispensável para que o estudante consiga imaginar formas, propor estruturas, lidar com proporções e compreender o espaço tridimensional.

A inteligência pictográfica, mesmo que ainda pouco formalizada, se manifesta na habilidade de representar visualmente ideias e projetos — o que é fundamental na elaboração de croquis, maquetes e diagramas.

Já a inteligência lógico-matemática sustenta o raciocínio técnico e os cálculos estruturais, enquanto a inteligência interpessoal permite o diálogo com clientes, engenheiros, mestres de obra e outros profissionais envolvidos no processo.

Além dessas capacidades cognitivas, a teoria de Goleman nos mostra que as emoções também fazem parte do processo formativo. A escolha de um curso não se dá apenas por aptidão racional, mas também por identificação afetiva, por prazer, por reconhecimento subjetivo. Saber lidar com frustrações, aceitar críticas, persistir diante de desafios criativos, cooperar em equipes multidisciplinares e comunicar ideias com empatia são traços tão importantes quanto saber desenhar ou calcular. Em outras palavras, a arquitetura exige do aluno não apenas inteligência técnica, mas equilíbrio emocional, capacidade de adaptação e sensibilidade estética e humana.

Com base nessas observações, podemos afirmar que o aluno que escolhe arquitetura muitas vezes está, mesmo sem perceber, respondendo a um chamado interior. Um chamado que se construiu ao longo da vida, nas atividades em que se sentiu à vontade, nas experiências que lhe deram prazer, nos desafios que enfrentou com mais naturalidade. Esse percurso, moldado pelas inteligências mais desenvolvidas, revela que a escolha profissional não é apenas uma questão de oportunidade, mas também de identidade. Portanto, entender essas escolhas à luz das inteligências múltiplas e emocionais é fundamental para que a educação cumpra seu papel de apoiar cada aluno em seu processo de



autoconhecimento e desenvolvimento. Quando a escola reconhece essas potencialidades, ela não apenas orienta, mas respeita e potencializa o que há de mais singular em cada sujeito. E quando o aluno reconhece, na arquitetura, o espaço onde sua mente e sua sensibilidade se encontram, ele deixa de apenas escolher uma profissão — ele começa a construir, com consciência e sentido, o próprio projeto de vida.



REFERÊNCIAS

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 1994.

GARDNER, Howard. Inteligências múltiplas: a teoria na prática. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Revisão técnica de Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Penso, 1995.

GARDNER, Howard; CHEN, Jie-Qi; MORAN, Seana. Inteligências múltiplas ao redor do mundo. Tradução de Roberto Cataldo Costa, Ronaldo Cataldo Costa, Rogério de Castro Oliveira. Porto Alegre: Penso, 2010.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

OLIVARES, Inês Cozzo; SITA, Maurício. Manual das múltiplas inteligências: especialistas explicam como usar todas as inteligências já descobertas para você se diferenciar e vencer na vida pessoal e profissional. São Paulo: Literare Books International, 2012.

GARDNER, Howard. Frames of mind: the theory of multiple intelligences. 3. ed. New York: Basic Books, 2011.